

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290003458



FE

TCC/UNICAMP B235r

JULIA BARDARI

REPRESENTAÇÕES DE DEFICIÊNCIA NAS REVISTAS TURMA DA MÔNICA

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

1290003458

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

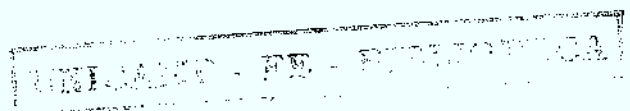
Júlia Bardari

Representações de Deficiência nas Revistas Turma da Mônica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da Universidade Estadual
de Campinas – Unicamp, sob a
orientação da Prof^ª. Dr^ª. Débora
Mazza.

Campinas

2007



Campinas, 14 de dezembro de 2007.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Mazza

Segunda Leitora: Profa. Dra. Heloísa H. Pimenta Rocha

© by Julia Bardari, 2007.

UNIDADE:	FE
CHAMADA:	TCC UNICAMP
	B235r
EX:	
COMB:	3458
PROC.:	129/08
Q:	X
PREÇO:	11,00
DATA:	01.03.08
1º CPD:	426004

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bardari, Júlia
B235r Representações de deficiência nas Revistas Turma da Mônica / Júlia
Bardari. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : Débora Mazza.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Deficiência. 2. Representações. 3. História em quadrinhos. I. Mazza,
Débora. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

07-687/BFE

Dedicatória

Dedico este Trabalho à Professora Doutora Débora Mazza por ter acreditado em meu potencial e estado ao meu lado nos momentos mais difíceis e delicados desta pesquisa.

Agradecimento

Agradeço a Deus, a minha família e aos meus amigos. Eles são o tripé que sustenta a minha vida.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as representações de deficiência nas "Revistas Turma da Mônica", pois seu autor Mauricio de Sousa procurou inserir em suas histórias três personagens portadores de deficiência. São eles: Luca (cadeirante), Dorinha (deficiente visual) e o Humberto (deficiência na fala).

Para isso, realizamos uma pesquisa monográfica de abordagem prioritariamente qualitativa cujo método escolhido para coleta de dados foi o documental. Assim, o resultado da pesquisa é uma análise interpretativa das histórias selecionadas, tendo como base o referencial teórico.

Este trabalho tem como suporte dois pesquisadores das Representações, são eles Serge Moscovici e Roger Chartier.

Assim, nas histórias em quadrinhos, autor e o ilustrador são formadores de opinião pública junto ao público infantil e juvenil, pois participam do processo de transmissão de idéias e representações por meio de seus textos e ilustrações.

Analisando as histórias, podemos dizer que o personagem portador de deficiência na fala Humberto foi incluído e ao mesmo tempo excluído das histórias das Revistas da Turma da Mônica, pois seu criador Mauricio de Sousa o incluiu em suas histórias, mas o excluiu da participação e interação com os demais personagens. Já Dorinha (deficiente visual) e Luca (cadeirante) foram retratados como super heróis em suas histórias. Dorinha, em momento algum, apresentou problemas para driblar as dificuldades que a falta de visão podem proporcionar. E Luca, por possuir uma cadeira fantástica não passou por nenhuma dificuldade em se locomover e participar da convivência com outros personagens.

Devemos ressaltar que estas análises e considerações foram baseadas apenas nas histórias selecionadas para este trabalho, ou seja, Mauricio de Sousa pode ter representado estes mesmos personagens de maneira diferente em outras histórias.

Sumário

Introdução	7
Capítulo I	
1. Apresentação do trabalho através do pôster	9
Capítulo II	
2. A apresentação da metodologia da pesquisa	10
2.1. A apresentação da coleção a ser estudada	13
2.2. A criação dos personagens Humberto, Dorinha e Luca	15
Capítulo III	
3. Conhecendo Mauricio de Sousa	17
3.1. Inclusão, Estereótipos e Estigmas por Mauricio de Sousa	20
3.2. O Significado de Representação	22
Capítulo IV	
4. Compreendendo as histórias	26
4.1 “Humberto em Quem Pode Ajudar?”	26
4.2. “Turma da Mônica em A Pegadinha”	28
4.3. “Cebolinha em o Perfeito”	30
4.4. “Dorinha no Parque”	33
4.5. “Casção e Luca em Sobre Rodas e Prova D’água”	36
Conclusão	40
Referências Bibliográficas	43
Anexos	47

Introdução

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as representações de deficiência nas “Revistas Turma da Mônica”, pois seu autor Mauricio de Sousa procurou inserir em suas histórias três personagens portadores de deficiência. São eles: o Luca que possui deficiência física – cadeirante, a Dorinha que possui deficiência visual e o Humberto que é um personagem mudo.

Sabe-se da grande circulação destas revistas nas diferentes faixas etárias, sabe-se também que, por se tratar de revistas em quadrinhos, este veículo de comunicação é formatado apenas por imagens seguidas de textos ou, em alguns casos, apenas imagens.

Assim, tanto o escritor quanto o ilustrador participam do processo de transmissão das idéias contidas nas histórias, pois muitas regras do mundo adulto são transmitidas às crianças por meio destes textos e ilustrações. Os leitores acompanham o desenrolar das histórias e atribuem significados e valores a partir do que foi idealizado pelo escritor e/ou ilustrador e também interagindo com representações sociais presentes no cotidiano de grupos, classes, raças, gênero e etc.

Tendo como base o que foi dito anteriormente, buscamos algumas abordagens que trazem a literatura (podemos incluir as revistas em quadrinhos) como uma grande aliada na inserção das crianças no mundo da emoção e da imaginação, pois a leitura possibilita à criança vivenciar tudo o que as narrativas provocam, descobrindo os conflitos e as soluções vividas pelos personagens. A partir destas vivências, a criança tem a oportunidade de externalizar emoções, sentimentos e conflitos, podendo levar ao reconhecimento e superação de problemas.

Ao constatar tais importâncias, buscamos desenvolver este trabalho enfocando a maneira como Mauricio de Sousa representa seus personagens portadores de deficiência.

Para isso, selecionamos cinco revistas onde estão presentes estes personagens.

Acreditamos haver mais edições onde apareçam estes personagens, no entanto, a dificuldade em conseguir acessar este material é muito grande.

Teremos adiante, a metodologia adotada no desenvolvimento desta pesquisa, a apresentação e discussão das revistas selecionadas e as considerações finais que alcançamos fazer tendo em vista os materiais analisados.

Júlia Bardari em **REPRESENTAÇÕES DE DEFICIÊNCIA NAS REVISTAS TURMA DA MÔNICA**



GALERINHA! ESTA É A JÚLIA. ELA FEZ UM TRABALHO DE FACULDADE SOBRE VOCÊS!

COMO ASSIM?

É O MEU TRABALHO QUES IDENTIFICAR COMO O MAURÍCIO DE SOUSA REPRESENTOU VOCÊS, PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIAS FÍSICAS, NAS HISTORINHAS.



POR QUE VOCÊ FEZ ESSE TRABALHO?

EU O FIZ COM O OBJETIVO DE IDENTIFICAR COMO ESTAS REPRESENTAÇÕES CARACTERIZAM OS TRAÇOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS DE VOCÊS DEFICIENTES.



E COMO VOCÊ FEZ ISSO?

EU FIZ UMA ABORDAGEM QUALITATIVA, USANDO COMO TÉCNICA DE PESQUISA A ANÁLISE DOCUMENTAL.

...ISSO QUER DIZER QUE EU LEVANTEI TODOS OS EXEMPLARES QUE APARECIAM OS PERSONAGENS DEFICIENTES, REALIZEI A LEITURA, ANALISEI E ESCOLHI CINCO REVISTAS PARA COMPOR O TRABALHO.



E O QUE VOCÊ DESCOBRIU?

LUCA, ANALISANDO ESTAS 5 REVISTAS PERCEBI QUE O MAURÍCIO REPRESENTA VOCÊ E A DORINHA COMO FANTÁSTICOS, QUASE HERÓIS, COMO SE A DEFICIÊNCIA NÃO OS IMPEDISSE DE REALIZAR NADA! JÁ COM O HUMBERTO ESTA FANTASIA NÃO ACONTECE, POIS O MAURÍCIO TRAZ, EM ALGUNS MOMENTOS, A DIFICULDADE DESTE PERSONAGEM MUDO EM SER COMPREENDIDO.

Nas páginas posteriores teremos o desenvolvimento do trabalho realizado sobre os personagens deficientes da Turma da Mônica

A apresentação da metodologia da pesquisa

Esta é uma pesquisa monográfica de abordagem prioritariamente qualitativa cujo método escolhido para coleta de dados acerca das *Representações de Deficiência nas Revistas Turma da Mônica* foi o documental.

Lembrando que a pesquisa documental se caracteriza pela sua coleta de dados estar ancorada em documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes secundárias. Dessa maneira, as revistas, como objetos de estudo deste projeto, caracterizam-se por serem fontes documentais escritas, produzidas por terceiros, ou seja, sem interferência do pesquisador.

Segundo Le Goff, o significado de documento foi sendo modificado com o passar do tempo. A origem do termo documento veio do latim *documentum*, que por sua vez foi derivado do termo *docere*, que significa ensinar. Com isso, documento seria um testemunho escrito capaz de ensinar a posteridade à verdade sobre o passado. Mas o significado de documento foi sendo ampliado à medida que foram percebendo que o conhecimento existia de forma independente do escrito, ou seja, que existiam outras maneiras de produzir conhecimento, como por exemplo, as artes, fotografias, pinturas, imagens, literatura. Para Le Goff (1996) esta expansão do termo documento gerou uma "revolução documental", mas esta revolução não surgiu sozinha, veio acompanhada da "revolução tecnológica", do surgimento do computador.

Cavalcante (2003) citando Le Goff dizia: "Da confluência das duas revoluções nasce a *história qualitativa*, que põe novamente em causa a noção de documento e o seu tratamento". (2003, p.169)

Assim, os elementos que constituem os documentos devem ser relativizados para que se possa abstrair o conhecimento necessário, levando em consideração a interpretação de quem o lê, os objetivos de quem o produziu e o tempo em que foi desenvolvido.

Temos que o documento é uma importante fonte de pesquisa à medida que permite ao pesquisador produzir conhecimentos a partir de teorias já formuladas e compreender as conquistas passadas, seja nos estudos filosóficos, historiográficos e científicos.

Segundo Cavalcante (2003)

O conhecimento é submetido ao tempo em que vivemos, às técnicas que desenvolvemos, à nossa visão de mundo, quer queiramos ou não. Mas, é inevitável que recorramos às experiências vividas e estudadas por nossos antecessores. O que sabemos e aperfeiçoamos hoje são resultados de conquistas passadas, de ações e pesquisas desenvolvidas ao longo da história. (Cavalcante, 2003, p.171)

Este trabalho utiliza o documento como campo e fonte de pesquisa.

Assim, o nosso campo de pesquisa traz como documentos um conjunto de revistas em quadrinhos da Turma da Mônica e nossa fonte de pesquisa considera estes documentos como materialidade que ancora a reflexão realizada neste trabalho.

A partir da definição do nosso campo de pesquisa podemos dizer que trabalhamos com um referencial teórico que alcança uma análise qualitativa dos conteúdos das histórias.

Adotamos a análise do conteúdo como método que possibilita uma interpretação qualitativa, temática e científica das revistas e histórias repertoriadas neste trabalho.

Segundo Bardin, apud Cortes, a análise de conteúdo define-se como:

(...) conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, apud Cortes, 1.998, p. 28-29)

Vale ressaltar que esta abordagem permite que a pesquisadora seja a principal fonte de coleta de dados.

Assim, realizamos uma busca de todos os exemplares da "Revista Turma da Mônica" em que apareciam personagens portadores de deficiência, no entanto,

A apresentação da coleção a ser estudada

Este trabalho de conclusão de curso utilizará para estudo revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. Para selecionar as revistas aqui analisadas, tivemos como objetivo procurar as que continham histórias com personagens portadores de deficiência física. Após muita procura, conseguimos encontrar algumas destas revistas. Acreditamos haver mais edições onde apareçam estes personagens, no entanto, a dificuldade em conseguir acessar este material é muito grande.

Com este material em mãos realizamos uma breve análise de todas as histórias que continham os personagens deficientes.

A partir desta análise pudemos escolher as revistas que traziam em seu repertório as melhores histórias com os personagens deficientes. Isto é, as histórias que melhor retratavam estes personagens.

Chegamos então, em cinco revistas. Três destas revistas trarão o personagem portador de deficiência na fala Humberto, uma trará a personagem deficiente visual Dorinha e a outra o personagem deficiente físico - cadeirante Luca.

Por que Humberto terá três revistas analisadas e Dorinha e Luca apenas uma revista cada?

Esta divisão de revistas por personagem se deu através de dois motivos.

Primeiro, Humberto é o personagem deficiente "mais velho", teve sua criação na década de 60, ou seja, possui um número maior de revistas que trazem este personagem, já Dorinha e Luca foram criados em 2004, portanto, o material coletado que continha estes personagens era menos extenso.

Segundo e último motivo. Analisando o material coletado percebemos que o personagem Humberto em poucas histórias foi abordado como protagonista, tendo na maioria das histórias um papel de pouquíssimo destaque. Já Dorinha e Luca, mesmo

quando não são trazidos como protagonistas das histórias, possuem grande interação com os demais personagens da Turma da Mônica.

Com base nos motivos apresentados anteriormente, temos que esta divisão revistas/personagens contribui para uma melhor análise e compreensão do material coletado.

A seguir, apresentaremos as revistas selecionadas e os personagens que receberão destaque são: Humberto, Dorinha e Luca, mas estes só serão melhor apresentados no próximo capítulo deste trabalho.

As histórias escolhidas para a realização da análise são: (ver as capas no Anexo I e II)

Edição nº 20 - agosto de 1988 - Esta revista possui o personagem Humberto, que viverá a história "Humberto em Quem Pode Ajudar?"

Edição nº 165 – junho de 2000 - Esta revista também possui o personagem Humberto, que participa da história "Turma da Mônica em A Pegadinha"

Edição nº 67 – fevereiro de 2002 - Esta edição traz Humberto como coadjuvante na história "Cebolinha em o Perfeito"

Edição nº 152 – agosto de 2005 - Esta revista traz a personagem Dorinha, que vive a história "Dorinha no Parque"

Edição nº 458 – março de 2006 - Esta edição traz o personagem Luca, que viverá a história "Cascão e Luca em Sobre Rodas e Prova D'água"

A criação dos personagens Humberto, Dorinha e Luca

O primeiro personagem portador de deficiência que surge nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica é o **Humberto**.

Este personagem ganha vida no início da década de 60 e apresenta deficiência na fala. Assim, a maneira como são representadas suas emoções e vontades é através de símbolos e também na forma como sua fisionomia é desenhada.

Mesmo após ter criado o personagem que não fala, Maurício continuava querendo incluir mais personagens com deficiência em suas histórias. Com isso, inicia um estudo junto a diversas instituições para cegos com o objetivo de conseguir abordar os assuntos relacionados a eles de maneira adequada, atualizada, sem perigo de passar algum tipo de preconceito.

Em 2004, a partir das observações dos estudos realizados na Biblioteca **Braille José Álvares de Azevedo** em Goiânia e também a partir da proximidade com Dorina Nowill¹ fundadora da Fundação Dorina Nowill para Cegos, nasce a personagem **Dorinha**.

Esta personagem é portadora de deficiência visual e possui um cão-guia chamado Radar.

Em dezembro de 2004 também surge **Luca**, apelidado pela Turma como "Da Roda", é um menino que anda em cadeira de rodas e esta cadeira possui funções muito especiais criadas por Franjinha², outro membro da Turma.

Antes de se chamar Luca, foi cogitado durante o processo de desenvolvimento do personagem o nome Paralaminha. Em princípio, ele aparecia com este nome, pois sua ilustração seria inspirada no cantor Herbert Viana do grupo "Paralamas do Sucesso". Mas

¹ Dorina Nowill, professora que perdeu a visão ainda jovem, estudou em São Paulo e se especializou nos Estados Unidos para ajudar pessoas com o mesmo problema, fundou a Fundação Dorina Dowill para Cegos.

² Franjinha (1959) foi o primeiro personagem criado por Maurício de Souza junto com o seu cão Bidu. É um menino cientista. Está sempre fazendo experiências em seu laboratório e faz muitos inventos.

com o tempo, Mauricio decidiu fazê-lo como uma criança comum e desistiu da idéia de chamá-lo dessa maneira.

Segundo entrevista concedida para o meio de comunicação Rio Mídia, Mauricio de Sousa diz que criou estes personagens visando exercitar a cidadania e o respeito pelo próximo entre os personagens da Turma da Mônica. "Eles devem ensinar muita coisa, principalmente na área do relacionamento humano". E completa: "Seria uma forma de inclusão e, ao mesmo tempo mostrar a diversidade".

Até o momento são estes os personagens com deficiências criados por Mauricio de Sousa presentes em alguns exemplares das revistas em quadrinhos da Turma da Mônica.

Como todos os outros personagens, tais como: Chico Bento, Cebolinha, Cascão, Magali e etc, os personagens deficientes não aparecem em todas as histórias e também possuem traços físicos e de personalidade definidos. Exemplo: a Magali é comilona, o Cascão não toma banho, o Chico Bento é da roça...

Conhecendo Mauricio de Sousa – vida e obra

Mauricio de Sousa nasceu no Brasil, numa pequena cidade do estado de São Paulo, chamada Santa Isabel. Foi em outubro de 1935.

Seu pai era o poeta e barbeiro Antônio Mauricio de Sousa. A mãe, Petronilha Araújo de Sousa, poetisa.

Com poucos meses, Mauricio foi levado pela família para a vizinha cidade de Mogi das Cruzes, onde passou parte da infância. Outra parte foi vivida em São Paulo, onde seu pai trabalhou em estações de rádio algumas vezes.

Suas primeiras aulas foram no externato São Francisco, ao lado da Faculdade, no centro de São Paulo.

Enquanto estudava, trabalhou em rádio, no interior, onde também ensaiou números de canto e dança.

E, para ajudar no orçamento doméstico, desenhava cartazes e pôsteres.

Mas seu sonho era se dedicar ao desenho profissionalmente. Chegou a fazer ilustrações para os jornais de Mogi. Mas queria desenvolver técnica e arte. Para isso, precisava procurar os grandes centros, onde editoras e jornais pudessem se interessar pelo seu trabalho.

Pegou amostras do que já tinha feito e publicado e dirigiu-se para São Paulo em busca de emprego. Não conseguiu. Mas havia uma vaga de repórter policial no jornal Folha da Manhã. E Mauricio fez um teste para ocupar a vaga. E passou.

Criou uma série de tiras em quadrinhos com um cãozinho e seu dono, Bidu e Franjinha, e ofereceu o material para os redatores da Folha. As historietas foram aceitas, o jornalismo perdeu um repórter policial e ganhou um desenhista. Essa passagem deu-se em 1959.

Nos anos seguintes, Mauricio criaria outras tiras de jornal: Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho e páginas tipo tablóide para publicação semanal - Horácio, Raposão, Astronauta - que invadiram dezenas de publicações durante 10 anos.

Para a distribuição desse material, Mauricio criou um serviço de redistribuição que atingiu mais de duzentos jornais ao fim de uma década.

Com a chegada das revistas de banca, em 1970, Mônica foi lançada já com tiragem de duzentos mil exemplares. Foi seguida, dois anos depois, pela revista Cebolinha e nos anos seguintes pelas publicações do Chico Bento, Cascão, Magali, Pelezinho e outras.

Durante esses anos todos, Mauricio desenvolveu um sistema de trabalho em equipe que possibilitou, também, sua entrada no licenciamento de produtos.

Seus trabalhos começaram a ser conhecidos no exterior e em diversos países surgiram revistas com a Turma da Mônica.

Mas chegaram a década de 80 e a invasão dos desenhos animados japoneses.

Mauricio ainda não tinha desenhos para televisão. E perdeu mercado.

Resolveu enfrentar o desafio e abriu um estúdio de animação, a Black & White, com mais de setenta artistas realizando oito longas-metragens. Estava se preparando para a volta aos mercados perdidos, mas não contava com as dificuldades políticas e econômicas do país. A inflação impedia projetos em longo prazo (como têm que ser as produções de filmes sofisticados como as animações), a bilheteria sem controle dos cinemas fazia evaporar quase 100% da receita, e o pior: a lei de reserva de mercado da informática, que impedia o acesso à tecnologia de ponta necessária para a animação moderna.

Mauricio, então, parou com o desenho animado e concentrou-se somente nas histórias em quadrinhos e seu merchandising, até que a situação se normalizasse. O que está ocorrendo agora.

Conseqüentemente, voltam os planos de animação e outros projetos.

E dentre esses projetos, após a criação do primeiro parque temático (o Parque da Mônica, no Shopping Eldorado, em São Paulo, seguido do Parque da Mônica do Rio de Janeiro) Mauricio prevê a construção de outros, inclusive no exterior.

As revistas vendem-se aos milhões, o licenciamento é o mais poderoso do país e os estúdios se preparam para trabalhar com a televisão.

A Turma da Mônica e todos os demais personagens criados por Mauricio de Sousa estão aí, mais fortes do que nunca, levando mensagem às crianças e aos adultos de todo o mundo.

Inclusão, Estereótipos e Estigmas por Mauricio de Sousa

(...) por entender que se pode educar por meio das histórias em quadrinhos, resolvi criar os personagens portadores de deficiência para exercitar a inclusão no meio dos nossos personagens. (Mauricio de Sousa)

Para conhecermos mais as idéias sobre Inclusão, Estereótipos e Estigmas de Mauricio de Sousa, elaboramos algumas questões para que ele pudesse responder. Tais perguntas foram enviadas para o site www.monica.com.br e Daniela Gomes, responsável pelo “Núcleo de Atendimento Mauricio de Sousa Produções” ficou de enviar as respostas, mas infelizmente até o término deste trabalho não conseguimos obter retorno. Então, buscamos as respostas para estas perguntas na entrevista dada pelo Mauricio ao Meio de Comunicação Rio Mídia. Vale ressaltar, que a Daniela Gomes nos auxiliou em várias dúvidas e disponibilizou alguns materiais necessários à pesquisa, só não conseguimos compreender o motivo pelo qual não enviou estas respostas.

As perguntas foram as seguintes:

Qual a concepção de Inclusão do Mauricio de Sousa?

Há algum cuidado em não reproduzir estereótipos?

Qual a preocupação do Mauricio em não estigmatizar os personagens deficientes?

Na entrevista que utilizamos para buscar as repostas necessárias para o melhor desenvolvimento deste trabalho, não consta uma pergunta tão específica quanto a primeira “Qual a concepção de Inclusão do Mauricio de Sousa?”, mas, com base nas respostas dadas a outras perguntas conseguimos respondê-la da seguinte maneira:

Mauricio acredita que a Inclusão seja inserir os portadores de deficiência no convívio social e proporcionar uma troca de experiências, principalmente na área de relacionamento humano.

Em sintonia com esta posição verificamos que os personagens Humberto, Dorinha e Luca, construídos tendo em vista inserir a deficiência nas histórias em quadrinhos são sempre apresentados em espaços sociais freqüentados por crianças de todos os tipos.

Em relação à pergunta: Há algum cuidado em não reproduzir estereótipos? A resposta dada ao Rio Mídia foi:

- "Tentamos. Embora na comunicação, na montagem de um roteiro, às vezes, algum tipo de comportamento, algum lugar comum seja necessário para se contar bem uma história. Naturalmente com um desfecho positivo".

Respondendo a pergunta "Qual a preocupação do Mauricio em não estigmatizar os personagens deficientes?".

Eis o que Mauricio diz:

- "A Dorinha é uma deficiente visual e o Paralaminha, utiliza cadeira de rodas. Eles serão abordados e tratados como qualquer outro personagem. Não queremos estigmatizá-los".

O Significado de Representação

Este trabalho tem como suporte dois pesquisadores das Representações, são eles Serge Moscovici e Roger Chartier.

Moscovici recupera a Teoria das Representações Sociais, no campo da Psicologia Social, mas reconhece que sua origem vincula-se a outros campos sociais. Segundo Moscovici (2007),

o conceito de representação social surgiu na sociologia e na antropologia. Foi obra de Durkheim e de Levi -Bruhl. Nestas duas ciências ele serviu de elemento decisivo na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. (Guareschi & Jovchelovitch, 2007,p.8)

“Tendo Durkheim como ancestral, a Teoria das Representações Sociais, de maneira mais que adequada, cobre o quanto um indivíduo é um produto da sociedade” (Farr in Guareschi & Jovchelovitch, 2007, p.51). Assim, a Teoria está centrada na relação entre o sujeito e o objeto e considera que este sujeito ao interagir com o objeto-mundo, “constrói tanto o mundo como a si próprio”.

Temos ainda nesta Teoria que as representações sociais possuem sua base na realidade social, com isso, as representações surgem nas ruas, nas instituições, nos movimentos sociais, nos meios de comunicação em massa.

É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas. (Guareschi & Jovchelovitch, 2007, p.20)

Ao mencionarmos o termo herança histórico-cultural acabamos por chegar em Roger Chartier, um historiador que defende a perspectiva da História Cultural.

Quando assumimos o conceito de representação através do viés histórico cultural de Chartier temos que considerar que este conceito é construído a partir das práticas sociais.

Isto significa que

Para Chartier não existe um mundo real, idealizado, posto, acabado separado de um sujeito que desvela esse real, de maneira correta, única ou deturpada, equivocada. Entre esse mundo "real" e um indivíduo real, de carne e osso, há representações e práticas que produzem sentidos e significações, isso implicando que o entendimento do que seja esse real se dá na tensão entre o indivíduo e o próprio real, ou seja, na intersecção entre as representações e práticas que o sustentam. (Bolfer, 2003, p.12)

Dessa maneira, as representações não são criações "naturais", mas estratégias que buscam impor autoridade a partir de interesses de determinados grupos.

Segundo Bolfer (2003) apoiada em Chartier (1990)

Representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (...) [tendo como finalidade] organizar a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e da apreciação do real; (Bolfer, 2003, p.13)

Partindo das idéias de Moscovici e Chartier, podemos considerar as Revistas em Quadrinhos como produtos das práticas sociais. Desse modo, ao analisarmos o material selecionado para esta pesquisa poderemos compreender quais as representações de deficientes estão presentes nas "Revistas Turma da Mônica".

Vale ressaltar que a representação de deficiente que nos propusemos analisar no material que selecionamos como campo de pesquisa é mediada pela escrita e ilustração, pois são estes alguns elementos que permitem o leitor construir significados. São as palavras, os sinais, as fisionomias, entre outros, que dão sentido à história.

Com isso, as histórias em quadrinhos são

um tipo de representação que deixa transparecer o modo como o adulto (escritor) quer que a criança (leitor) veja o mundo. Por ser um adulto, está em posição hierarquicamente diferente da da criança e , enquanto escritor legitimado, ocupa posição social proeminente. (Bolfer, 2003, p. 15)

Estas representações permitem fazer com que o leitor enxergue o mundo através da óptica que convém ao escritor. Tal relação está vinculada às relações de poder.

Isto quer dizer que

Tanto a maneira pela qual se faz uso da linguagem como o que diz podem ter menor ou maior valor, dependendo da autoridade do locutor, do lugar ocupado por quem fala. É esse locutor que vai validar (ou não) o conteúdo de seu discurso como doutrina autêntica, definitiva. (Bolfer, 2003, p.16)

Segundo Bolfer (2003), Bourdieu (1998) chamou de linguagem autorizada, ou seja, o escritor tem autoridade por possuir uma posição social reconhecida, legitimada e pública.

No caso deste trabalho podemos dizer que Mauricio de Sousa não só possui este poder de voz como vai além, pois, em suas histórias ele pode com liberdade extravasar as fronteiras do realismo, alcançando um mundo idealizado, onde a imaginação é explorada da maneira mais eficiente para atingir os objetivos do autor em relação aos assuntos de seu interesse.

Assim, Mauricio de Sousa possui liberdade para construir suas histórias permeadas de fábulas e imagens idealizadas.

Apesar do Mauricio de Sousa ter a vantagem de possuir este poder de voz não podemos deixar de mencionar que os significados dados tanto aos personagens que iremos analisar quanto a qualquer outra coisa, objeto ou situação são produtos da interação do indivíduo com o meio social. A partir desta construção temos, que a construção de sentido ocorrerá de maneiras diferentes, pois cada indivíduo irá interagir

com o meio social conforme o seu cotidiano, sua raça, seu gênero, sua classe, sua religião e etc.

Com base no que foi dito anteriormente, podemos dizer que o modo como cada leitor lê vai depender de sua história de vida, pois, aquilo que ele conhece “é marcado pelas suas condições de vida, pelo assujeitamento e pelo estigma, pelas palavras, pelos valores, produtos das relações sociais”. (Smolka, 1988, p.47)

Então traremos um exemplo de Chartier (1989) sobre as diferentes maneiras de ler

A clivagem, essencial, porém grosseira, entre analfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. (Chartier, 1989, p.179)

Assim, a maneira como cada leitor irá interpretar as Revistas da Turma da Mônica será variada. Por exemplo, esta pesquisa realiza uma leitura das histórias selecionadas diferente de uma outra pessoa que tem como objetivo apenas para passar o tempo.

Então, veremos no próximo capítulo a leitura que fizemos das histórias e para isso devemos retomar o pensamento de que não é possível pensarmos na idéia de ciência neutra, pois a interpretação está impregnada pelo olhar, por uma perspectiva que determina um recorte e não outro.

Compreendendo as histórias

O objetivo deste capítulo não é julgar como a realidade está sendo abordada nas histórias escolhidas, se existe equívoco ou não na maneira como os personagens deficientes aparecem nestas histórias. O que pretendemos é apenas refletir sobre como esta realidade está sendo apresentada aos leitores. É válido dizer que a compreensão destas histórias podem ser diferentes para cada leitor, pois dependerá das práticas de leitura que este sujeito possui e da forma com que ele quer se relacionar com esta leitura, com as realidades sociais apresentadas e com as deficiências descritas.

Vê-se que, pela leitura, o leitor, por meio de suas relações sociais, experiências prévias e visão de mundo, pode reproduzir em seus pensamentos e atitudes a ideologia dominante ou, de outra forma, criticar essa ideologia. O ato de ler se mostra como um ato inventivo, que produz sentidos. (Bolfer, 2003, p.43)

Iniciaremos a compreensão da primeira história.

“Humberto em Quem Pode Ajudar?”

Nesta história Humberto passa por diferentes situações onde seus amigos estão correndo algum tipo de perigo, mas por não poder se comunicar através da fala, Humberto não consegue alertá-los de tais perigos e seus amigos acabam sofrendo alguns acidentes. Cansado destas situações, ele tem a idéia de ir até a igreja para pedir proteção aos seus amigos, mas por infelicidade até Deus não consegue compreender o que Humberto gentilmente está pedindo. Assim acaba esta história.

Por mais que tenhamos contado esta história através das palavras, não

conseguimos trazer todas as informações contidas, e são estas pequenas ou talvez grandes informações que fazem com que o leitor compreenda, através da visão do ilustrador, o que está sendo representado.

Com isso, é imprescindível observarmos a história original e esta está contida no Anexo III.

Esta história é bastante interessante, pois traz somente uma fala no final. A partir disto podemos enxergar nitidamente como as imagens possuem um grande poder ao apresentar as histórias em quadrinhos. O ilustrador, ao desenhar as fisionomias do Humberto conseguiu transmitir os sentimentos de agonia, desespero e aflição que o personagem passou ao vivenciar os acontecimentos desastrosos com seus colegas e estas fisionomias foram sendo modificadas conforme o decorrer da narrativa, o personagem passou a ter desilusão por não conseguir prevenir os acidentes e posteriormente alegria por ter a idéia de rezar pelos amigos. No quadrinho final, onde Humberto reza pelos amigos, a representação por parte apenas das imagens não foram suficientes para que o leitor tivesse a compreensão do que o autor queria transmitir, com isso, as imagens ganharam o apoio das palavras para alcançar o objetivo proposto, que era o leitor perceber que nem Deus conseguia “ouvir” e entender as preces de Humberto.

Podemos dizer que temos aqui uma visão de como o mundo sofre por não ser compreendido em algumas situações, mas não é apenas isto. Ao trazer este final, Mauricio traz também algumas contradições.

Em suas entrevistas ele gosta de evidenciar que suas histórias possuem sempre um desfecho positivo, feliz e neste caso, não podemos dizer que o desfecho foi uns dos mais felizes, o que o autor procurou colocar foi um humor, que acreditamos não tenha sido o mais apropriado.

Esta tentativa de inserir humor neste desfecho fez com que Mauricio obtivesse mais uma contradição, pois foi dito no capítulo “Inclusão, Estereótipos e Estigmas por

Mauricio de Sousa”, deste trabalho, que o autor tem muito cuidado em não estigmatizar seus personagens, mas ao compreendermos que o personagem foi depreciado, temos segundo Goffman (1975) que

(...) Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (Goffman, 1975, p. 12)

A segunda história traz o personagem Humberto como coadjuvante e está na sua forma original no Anexo IV.

“Turma da Mônica em A Pegadinha”

Na história **“Turma da Mônica em A Pegadinha”** Cascão quer descobrir o que está acontecendo com seus amigos, pois em um primeiro momento ele cruza com Jeremias, Titi e Xaveco e nota que eles estão muito bravos, depois aparece Humberto também com uma fisionomia brava e logo depois a Magali furiosa.

Então, Cascão conversa com a Magali e descobre que o Cebolinha está aplicando a pegadinha da tinta na luneta. Magali começa explicar qual é esta pegadinha, mas Cascão interrompe dizendo:

-“Você põe a luneta no olho e ele fica sujo de tinta preta!”

Magali indo embora diz:

-“É!”

Então, Cascão avista o Cebolinha e já imagina que o amigo tentará realizar a pegadinha com ele também, mas ao se aproximar de Cebolinha, Cascão perceber que ele também está com o olho preto e pergunta se ele caiu na própria pegadinha e Cebolinha

responde apontando o olho:

-“Isto não é tinta *plêta*, e eu não cai na minha pegadinha! Mas a Mônica caiu!”

Podemos dizer que o personagem Humberto não ocupa papel de destaque nesta história.

Este personagem irá interagir com os demais integrantes da turma apenas através da sua fisionomia e de alguns símbolos. Mas não podemos dizer que este tipo de interação só ocorreu com personagem Humberto, pois Titi, Xaveco e Jeremias também foram representados nesta história através da mesma fisionomia (brava) e dos símbolos.

A partir desta informação, não podemos dizer que Humberto possuiu esta forma de interação apenas por ser um personagem portador de deficiência na fala, mas também não podemos ignorar que apenas os personagens pouco explorados por Mauricio de Sousa (Titi, Xaveco e Jeremias) tiveram esta maneira de serem representados.

Vale lembrar, que nesta mesma história, Magali possui praticamente a mesma função dos demais (apresentar a fisionomia brava para que Cascão continue intrigado, querendo saber o que está acontecendo), mas, por ser uma personagem mais conhecida e divulgada ganha pelo menos uma troca de fala com Cascão.

Por que esta troca de fala não se deu com o Titi, Xaveco, Jeremias ou Humberto?

Podemos dizer que apesar de Mauricio incluir novos personagens em sua turma, estes não possuem a mesma atenção e participação nas historinhas quanto os demais personagens.

Será que isto é inclusão?

A terceira história traz novamente o personagem Humberto como coadjuvante e sua forma original se encontra no Anexo V e VI

“Cebolinha em o Perfeito”

Na história “**Cebolinha em o Perfeito**”, Cebolinha conhece uma nova moradora do bairro e acaba se apaixonando por ela. Enquanto os dois conversam, surge a Mônica, muito irritada, dizendo que vai bater nele. Procurando impressionar a sua nova paixão, Cebolinha reage dizendo que só não vai bater na Mônica porque não bate em mulher, mas quando chega perto da amiga ele diz para resolverem isto depois. Mônica percebe o interesse do amigo na nova moradora e acaba indo embora.

Cebolinha volta a conversar com a garota. Cascão e Humberto constataam que o amigo está namorando e se aproximam. Cebolinha buscando novamente impressionar a sua paixão se afasta dizendo:

- “De *lepente* o ar aqui ficou tão poluído... vamos tomar um *solvete*?”

Cascão para provocar retruca:

-“Aposto que ela não sabe que ele faz xixi na cama! Se soubesse nem falaria com ele!”

Cebolinha fica furioso e vai tirar satisfação com Cascão e Humberto, mas no final acaba convencendo os amigos a não falarem mais que ele faz xixi na cama em troca da sua coleção de tampinhas e da coleção de selos. Mas quando Cebolinha se distancia dos amigos Cascão dispara:

- “Prometemos não falar mais que você faz xixi na cama, certo?”

Cebolinha desconversa e continua caminhando com a menina.

Mas Cebolinha não está com sorte e acaba encontrando sua mãe no meio do caminho e por azar ela diz:

- “Filhinho, vamos pra casa? Já preparei seu banho! Só não achei seu patinho de borracha!”

Cebolinha chama a mãe de lado e promete ir pra casa depois.

Para a garota, ele finge que sua mãe o confundiu com outro garoto.

Logo depois dessa saia justa, quem resolve encontrar um conhecido é a garota. Ela apresenta ao Cebolinha o seu amigo Marcelinho e acaba comentando que achava engraçado o Cebolinha trocar os erres pelos eles.

Cebolinha fica furioso e enciumado. Resolve ir embora e diz que nunca mais vai se apaixonar, mas no caminho uma outra garota passa e Cebolinha não resiste e se apaixona novamente.

Como na história anterior, nesta história o personagem Humberto novamente não ocupa papel de destaque, sua interação com os demais integrantes da turma acontece apenas através da sua fisionomia, não utilizando nenhum gesto para se comunicar.

A partir desta constatação, podemos dizer que infelizmente o papel desempenhado por este integrante portador de deficiência é apenas de *figurante*. Adotamos o significado de figurante, segundo o dicionário, um ator ou personagem que figura em representações teatrais sem falar.

Será que isto é realmente Inclusão?

O capítulo "Inclusão, Estereótipos e Estigmas por Mauricio de Sousa" traz a informação que os portadores de deficiência devem ser inseridos no convívio social, permitindo a troca de experiências, também nas áreas de relacionamento humano, mas no caso do personagem Humberto, nesta história, a troca de experiência inexistente. Sua "inclusão" está apenas na convivência deste personagem com os demais e não em sua interação com estes.

Podemos dizer que este personagem recebeu uma inclusão excludente por parte de seu criador, Mauricio de Sousa, pois ao mesmo tempo em que Mauricio o incluiu em suas histórias, ele o excluiu da participação e interação com os demais personagens.

Mas esta exclusão se dá apenas em relação à interação deste personagem com os

demais, pois não podemos dizer que o Humberto sofreu algum tipo de preconceito ou mesmo exclusão explícita nas páginas destas revistinhas, ou seja, o nosso material coletado não apresentou histórias onde Humberto tenha vivido algum tipo de preconceito e exclusão por parte dos personagens integrantes da Turma da Mônica.

Com relação as três histórias vividas pelo personagem Humberto, podemos dizer que realmente Mauricio de Sousa não conseguiu possibilitar uma inclusão deste personagem deficiente, pois existe apenas um diálogo ao longo destas três histórias onde Humberto participa de forma direta, ou seja, os demais personagens não falam diretamente com o Humberto exceto em um quadrinho.

Veremos um exemplo da falta desta interação e também à cena onde Cascão interage com Humberto de forma direta no Anexo VII.

Portanto, podemos dizer que o personagem Humberto tanto na primeira quanto na segunda e terceira histórias acabou sendo um adereço ou ganhou a função de cenário, pois não interagiu, nem participou ativamente das relações do grupo, por conta disso podemos dizer que este personagem foi desvalorizado por apresentar a deficiência na fala. Quando temos uma marca que leva o indivíduo a ser desacreditado temos um indivíduo estigmatizado.

Goffman (1975) traz como se deu a criação do termo estigma

Os gregos criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada; especialmente em lugares públicos. (Goffman, 1975, p.11)

Temos, portanto o termo estigma como uma marca que visa desvalorizar, depreciar o indivíduo que a possui perante a sociedade e aos demais indivíduos ditos “normais”.

Em relação ao personagem Humberto e a partir de tudo o que já foi dito, temos que

o não falar foi associado com o não sentir, o não amar, o não pensar, por isso, a sua desvalorização em relação aos demais personagens do Mauricio de Sousa.

Após esta discussão, será que ainda podemos dizer que as histórias da turma da Mônica são inclusivas?

A quarta história a ser analisada traz a personagem deficiente visual Dorinha em:

“Dorinha no Parque”

Esta história tem seu início quando Dorinha vai ao Parque da Mônica na companhia de Lorota.

Logo que chegam ao parque, Lorota e Dorinha encontram Mônica e Magali. Mônica fica entusiasmada ao perceber que Dorinha consegue reconhecê-la apenas pela voz.

Elas se despedem e Dorinha segue ao lado de Lorota. De repente, as duas se deparam com um escorregador de rolinhos. Lorota fica apreensiva por achar que a Dorinha terá dificuldade de descer, mas no final quem acaba se atrapalhando toda é a própria Lorota.

Nesta atrapalhada Lorota perde Dorinha de vista e acaba ficando muito preocupada, depois de imaginar tudo o que poderia ter acontecido com a menina, Lorota acaba encontrando-a no final do escorregador de rolinhos.

As duas seguem o passeio pelo parque quando Dorinha interrompe dizendo:

-“Ih! O Cebolinha tá perto!”

-“Tem lanchonete por aqui? Onde estão os carrinhos?”

Lorota pergunta espantada:

- “Aah!! Por que você não me disse que era paranormal?”

Dorinha indaga:

- "Para... o quê?"

Lorota questiona:

- "C-como você sabe de tudo isso?"

Dorinha esclarece:

- "Fácil mulher! Sinto cheiro e ouço! Por exemplo...func! func! Tô sentindo cheirinho de cachorro quente! Isso quer dizer que tem uma lanchonete por aqui! Ouço barulhinho de motor e rodas na pista! Deve haver carrinhos por aqui!"

Lorota fica de boca aberta.

De repente surge Cebolinha e Cascão. Eles conversam e decidem dar uma volta no carrossel. Lorota fica espantada ao ver que a menina apenas utilizando o tato consegue saber que este carrossel é composto de dinossauros e não de cavalinhos.

Dorinha brinca no carrossel e Lorota fica só observando. Por um momento, Lorota se distrai e ao olhar novamente para o carrossel percebe que a menina não está mais lá. Com isso, ela fica muito preocupada e acaba até chamando uma pessoa responsável pela atração. Mas, quando vão procurar a menininha, percebem que ela continua brincando no carrossel. A pessoa responsável acaba achando que Lorota está maluca.

Elas saem do carrossel e vão para uma outra atração.

A cada atração temos Lorota ficando sempre nervosa e preocupada por não conseguir acompanhar a Dorinha e esta, por sua vez, participa de todas as brincadeiras sem apresentar nenhuma dificuldade.

No final da história Lorota desabafa:

- "Er...uma coisa me intriga , Dorinha! Como você sabe o lugar de tudo, se você...você..."

Dorinha interrompe:

- "Se eu não posso ver?"

E completa:

- “Posso sim! E você nem *imagina* como!” (grifo do autor)

Esta história ganha mais detalhes quando acompanhada de suas ilustrações, por conta disso, a história, tal como foi construída, está presente do Anexo VIII ao XII.

Constrói-se, nesta história, uma visão que o deficiente visual pode realizar todas as atividades de maneira fácil, sem limitação.

E apesar de estarmos analisando uma história que tem como finalidade fantasiar as situações, não podemos deixar de destacar que poderia ter sido mostrado que o deficiente visual apesar de possuir vários artifícios para driblar suas dificuldades, ele possui também suas limitações. Em muitas situações se faz necessário uma parceria deste deficiente com outras pessoas e também com alguns recursos tecnológicos, não sendo apenas a utilização mais aprimorada de outros órgãos sensitivos capaz de suprir as necessidades deste deficiente na interação com o ambiente.

Na medida em que Mauricio de Sousa apresenta uma personagem com deficiência e não explora suas necessidades particulares, estaria ele promovendo a inclusão?

É válido ressaltar também a maneira como o escritor e o ilustrador colocam as personagens Dorinha e Lorota. Estas ficam praticamente a história toda em oposição, assim, Lorota acaba sendo apresentada como uma pessoa ingênua, até mesmo boba, apesar de sempre dizer que é responsável pela menina, ela não consegue acompanhar o ritmo da Dorinha. Já Dorinha é o oposto, uma menina muito esperta, capaz de driblar todas as dificuldades e também de cuidar da Lorota.

A relação do cuidar nesta história acaba sendo invertida, uma vez que a Dorinha, em muitas situações, acaba cuidando da Lorota. Tal ação contribui tanto para supervalorizar a deficiente visual quanto para desvalorizar a pessoa responsável por esta deficiente. Com isso, as representações destas personagens acabam possuindo uma

dicotomia, onde as imagens estereotipadas ganham espaço e determinam um caráter reducionista à história.

Agora partiremos para a última história, onde o personagem Luca juntamente com Cascão protagonizará a história:

“Cascão e Luca em Sobre Rodas e Prova D'água”

A história se inicia quando Cascão percebe que vai chover, desesperado encontra Luca e se esconde embaixo da cadeira do amigo. Luca, a princípio fica bravo com Cascão, mas logo começa a chover e ele entende a atitude do amigo.

Para que Cascão não precise ficar embaixo de sua cadeira Luca mostra um controle remoto que permite fazer com que surge embutido na cadeira um guarda-chuva.

Cascão fica aliviado por não precisar se molhar e os dois seguem passeando. Após um tempo a chuva para. Cascão agradece a carona e ao continuar andando se depara com uma imensa poça d'água. Luca novamente acalma o amigo ao mostrar uma ponte que sai de sua cadeira e permite os dois atravessarem a tal poça.

Mas, o dia realmente não é do Cascão. Ao despedir do amigo, Cascão é surpreendido por um balde que derramará toda a água em sua cabeça, mas Luca é muito rápido e consegue proteger Cascão utilizando mais um artifício de sua cadeira: uma bolha protetora de coelhadas, mas que servem para outras coisas também.

A tentativa de Cascão voltar para sua casa continua, mas os perigos com relação a água também. Então, Luca, a cada novo perigo consegue proteger Cascão utilizando as “geringonças” de sua cadeira.

Até que no final Cascão consegue chegar em casa a salvo, mas Luca neste momento não quer colaborar, numa tentativa de assustar o amigo, saca todas as “armas

de água” de sua cadeira, mas Cascão entra em casa e não sai mais.

Esta história também possui sua versão original no Anexo XIII e XIV.

A história de Luca e Cascão traz a solidariedade entre os amigos, mas de uma maneira diferente.

Quando imaginamos uma história onde se foca a solidariedade entre um deficiente físico e uma pessoa que possui as habilidades motoras normais, temos a impressão que o deficiente será ajudado pela outra pessoa. O legal desta história é que o inverso acontece, Luca ajuda o Cascão.

A única coisa que devemos nos preocupar é como estas ajudas acontecem.

Não esqueceremos que o objetivo das histórias do Mauricio de Sousa é evidenciar a fantasia, mas sabemos que os deficientes físicos possuem grande dificuldade em se locomover e participar das atividades propostas pela sociedade (exemplo; andar de ônibus e por calçadas, atravessar uma rua, ir a um cinema, à escola,...) e com Luca estas dificuldades inexistem, pois sua super cadeira de rodas é capaz de realizar as mais diversas funções.

Acreditamos ser interessante discutirmos as possibilidades da tecnologia nos dias de hoje, pois certamente esta tecnologia vem modificando a vida de todos os indivíduos.

A cada dia nos deparamos com novas invenções, estas são criadas para facilitar o nosso dia a dia e assim permitir a superação das nossas dificuldades. Temos como exemplo as máquinas de lavar e secar roupas, microondas, aspirador de pó, o computador, o forno elétrico e etc.

É bastante interessante ver como esta tecnologia também está atuando na área da reabilitação das pessoas com deficiências. Como exemplo temos os braços e pernas mecânicas, que permitem pessoas com determinadas deficiências motoras realizarem atividades cotidianas com conforto e segurança; temos também aparelhos cada vez mais poderosos auxiliando a medicina na recuperação de pacientes portadores de deficiência

visual entre outras.

Onde será que esta tecnologia vai parar?

Como foi dito anteriormente estas invenções estão surgindo para superar as nossas dificuldades, mas é preciso cuidado com as conseqüências destas tecnologias. Se por um lado ela é capaz de facilitar e muito a nossa vida, por outro lado esta tecnologia está superando o humano. Um exemplo calcado na fantasia, mas que podemos compreender com muita facilidade, é a cadeira de rodas do personagem Luca, ela permite que Luca contorne todas as dificuldades que possam surgir em seu caminho e por ser tão poderosa é capaz de superar o próprio humano. Na história apresentada anteriormente temos Luca, com auxílio de sua cadeira, protegendo Cascão de todas as dificuldades encontradas, mas as dificuldades que um cadeirante possui ao se locomover e realizar outras atividades não são evidenciadas. Luca ganha ares de super herói por possuir uma super cadeira.

Seria fantástico se esta cadeira realmente existisse, mas só seria interessante se esta tecnologia não permitisse uma realidade fantástica, digna de super heróis. Como isto ainda não ocorreu, acreditamos que seria muito interessante o leitor destas revistas construírem uma imagem de deficiente menos fantástica, que mostrasse a luta dos deficientes físicos por uma sociedade mais acessível, que consolide o direito de ir e vir a todos os cidadãos.

Não queremos que os deficientes sejam estigmatizados, mas sim que as dificuldades que estas pessoas atravessam diariamente sejam mostradas, pois através das histórias em quadrinhos o leitor pode compreender a necessidade de se construir uma sociedade onde o deficiente possua o direito de participar das atividades de forma diferenciada e não super fantástica.

Acreditamos que os deficientes são pessoas muito determinadas e que merecem nosso valor, mas ao torná-los super heróis permitimos camuflar os problemas que realmente fazem parte de sua vida.

Conclusão

Este trabalho buscou compreender as representações de deficiência nas Revistas Turma da Mônica.

E, partindo das análises dos materiais selecionados para esta pesquisa constatamos:

O personagem **Humberto** representou na história "**Humberto em Quem Pode Ajudar?**" uma visão de como o mudo sofre por não ser compreendido em algumas situações, mas não parou por aí, mostrou que o autor Mauricio de Sousa não alcançou um final feliz no desfecho da história.

Mauricio tentou inserir um humor no final desta história, mas este humor foi transformado em estigma, uma vez que o personagem Humberto acabou sendo depreciado na construção deste humor.

Já nas histórias "**Turma da Mônica em A Pegadinha**" e "**Cebolinha em o Perfeito**", Humberto não ocupa papel de destaque. Este personagem irá interagir com os demais integrantes da turma apenas através da sua fisionomia, não utilizando nenhum gesto para se comunicar. Com isso, o papel designado para Humberto foi o de figurante, ou seja, um personagem que não fala durante a representação de uma história.

A partir desta constatação, podemos dizer que novamente este personagem foi estigmatizado, pois por apresentar a deficiência na fala, não foi dada a oportunidade de se expressar e interagir com a Turma.

Será que podemos falar em inclusão social do Humberto?

Podemos dizer que o personagem deficiente Humberto foi incluído e ao mesmo tempo excluído das histórias das Revistas da Turma da Mônica, pois seu criador Mauricio de Sousa o incluiu em suas histórias, mas o excluiu da participação e interação com os demais personagens.

Infelizmente, todos nós vivenciamos esta inclusão/exclusão no dia a dia. Por estarmos inseridos em uma sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que somos incluídos por umas condições sociais somos excluídos por outras.

A partir desta análise, Skliar (2001) traz que

em todas as definições e indefinições sobre exclusão/inclusão aparece sempre a idéia de que se trata de uma propriedade ou carência do indivíduo, de ser possuidor ou não de alguns atributos fundamentais considerados necessários para a escolarização, a profissionalização, a inserção no mercado de trabalho, etc. (Skliar, 2001, p.14)

Assim, o fato de Humberto não possuir a fala ("atributo fundamental") proporcionou sua exclusão.

Devemos evidenciar que sentimos falta de ver este personagem trocando experiências com os demais, pois seria muito interessante apreciar uma interação através de gestos, sinais ou símbolos onde Humberto seria capaz de transmitir seus desejos e idéias, enfim, ser compreendido.

Entretanto, sua marca, seu estigma fez com que o ato de não falar fosse associado ao não pensar, o não amar, o não sentir, ou seja, o personagem não participou efetivamente das histórias por possuir a deficiência na fala.

Mas apesar desta estigmatização, podemos dizer que Humberto ainda é o personagem que foi construído mais próximo da vivência dos deficientes, pois Dorinha e Luca foram retratados como super heróis em suas respectivas histórias ("**Dorinha no Parque**" e "**Cascão e Luca em Sobre Rodas e Prova D'água**").

Dorinha, em momento algum, apresentou problemas para driblar as dificuldades que a falta de visão podem proporcionar. E Luca por possuir uma cadeira fantástica não passou por nenhuma dificuldade em se locomover e participar da convivência com Cascão.

Sabemos que as histórias em quadrinhos, como outros meios de comunicação, têm o poder de transmitir regras e valores, então por que não possibilitar ao leitor a

necessidade de compreender a importância de uma sociedade onde o deficiente possua o direito de participar das atividades de forma diferenciada, mas não preconceituosa?

Não podemos tratar diferentes de modo igualitário (pois todos nós possuímos dificuldades), mas podemos proporcionar aos deficientes uma maneira digna de participar de todas as atividades que a sociedade disponibiliza, respeitando limites e possibilidades que todos temos. As dificuldades, diferenças e deficiências não são problemas individuais e sim sociais e devem ser socialmente e coletivamente encaminhadas por meio de ações concretas: públicas e/ou privadas.

Não queremos que estes personagens sejam também estigmatizados e nem que as histórias deixem de ter fantasia, mas que as dificuldades atravessadas diariamente por estes deficientes sejam apresentadas com intuito de despertar uma conscientização do direito que estes cidadãos possuem em relação à educação, transporte, locomoção, e etc, enfim, que seja respeitado o direito deste cidadão viver em sociedade.

Este trabalho possui relevância, pois seu campo de pesquisa é composto por Revistas em Quadrinhos que possuem uma tiragem de duzentos mil exemplares, distribuição nacional e internacional e também possuem conforme mesmo disse Mauricio de Sousa um potencial educativo muito grande. Portanto, o autor e o ilustrador são formadores de opinião pública junto ao público infantil e juvenil.

Devemos ressaltar novamente que estas análises e considerações foram baseadas apenas nas histórias selecionadas para este trabalho, ou seja, Mauricio de Sousa pode ter representado estes mesmos personagens de maneira diferente em outras histórias.

Bibliografia

- AMARAL, Lígia. ***Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação.*** São Paulo: Summus, 1998.
- AMARAL, Lígia. ***Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*** (Coordenação de Júlio Groppa Aquino). São Paulo: Summus, 1998.
- ARGENTO, Renata. ***A problemática da inclusão/exclusão em Literatura Infantil: o caso de "O patinho feio" e outras obras.*** Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.
- BOLFER, Maura Maria Moraes de Oliveira. ***Imagens/Representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação.*** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.
- BONETI, Lindomar Wessler; GEHLEN, Ivaldo; LECHAT, Noélie Marie Paule & ZARTH, Paulo Afonso. ***Os caminhos da Exclusão Social.*** Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 1998.
- CAVALCANTE, L. ***A pesquisa histórica no ensino: saberes necessários à prática docente.*** *Transformação*, Campinas, 15(2): 165-174, maio/ago.,2003.

- CHARTIER, Roger. ***A história cultural: entre práticas e representações***. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. ***O mundo como Representação***. *Annales*. n.6, p.1505-1520, nov-dez, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. ***Literatura Infantil: teoria, análise, didática***. 6ª ed. revista: Ática, São Paulo, 1993.
- CORTES, Soraya M. Vargas. ***Técnicas de Coleta e Análise Qualitativa de Dados***. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.9, p. 11-47, 1998.
- FRANZ, Marie Louise von. ***A interpretação dos contos de fadas***. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FREIRE, Paulo. ***A importância do ato de ler***. 28ª Ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREITAS, Marcos Cezar de. (org). ***História Social da Infância no Brasil*** / organizador Marcos Cezar de Freitas. – 6ª ed. São Paulo: Cortez, p.163-185, 2006.
- GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.) ***Textos em representações sociais***. /prefácio Serge Moscovici/ 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

- GODOY, Maria de Fátima Reipert. ***Trabalhando o preconceito: a visão da criança frente a diferença***. Marília: UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997.
- GOFFMAN, Erving. ***Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada***. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- JODELET, Denise *apud* SPINK, Mary Jane Paris. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane Paris (org). ***O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social***. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NOSELLA, Maria de Lourdes C.D. ***As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos***. 7ª Ed. São Paulo: Moraes, 1981.
- RIBEIRO, Deoclise Moreira de Carvalho. ***Contribuições da literatura infantil no cotidiano da sala de aula***. Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.
- SKLIAR, Carlos. ***Seis perguntas sobre a questão da inclusão ou como acabar de uma vez por todas com as velhas- e novas- fronteiras em educação***. Pró-Posições. Campinas, v.12, n.2-3 (35-36), p.11-21, 2001.
- ORJASAETER, Tordis. ***O deficiente na literatura***. Boletim Informativo da FNLIJ, Rio de Janeiro, v.13, n.54, p. 5-10. jan/mar,1981.

_____. **Falsas imagens na literatura infantil.** Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v.9, n.8, p. 31-33, ago, 1981.

http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia/por_entrevista_home_top.asp?id_entrevista=7

<http://www.monica.com.br>

Anexos

Anexo I capas das revistas selecionadas para este trabalho.

Edição nº 20 - agosto de 1988

Esta revista possui o personagem Humberto, que viverá a história "Humberto em Quem Pode Ajudar?"



Edição nº 165 - junho de 2000

Esta revista também possui o personagem Humberto, que participa da história "Turma da Mônica em A Pegadinha"



Edição nº 67 - fevereiro de 2002

Esta edição traz Humberto como coadjuvante na história "Cebolinha em o Perfeito"



Reedição das melhores histórias do Cebolinha

Anexo II continuação das capas das revistas selecionadas

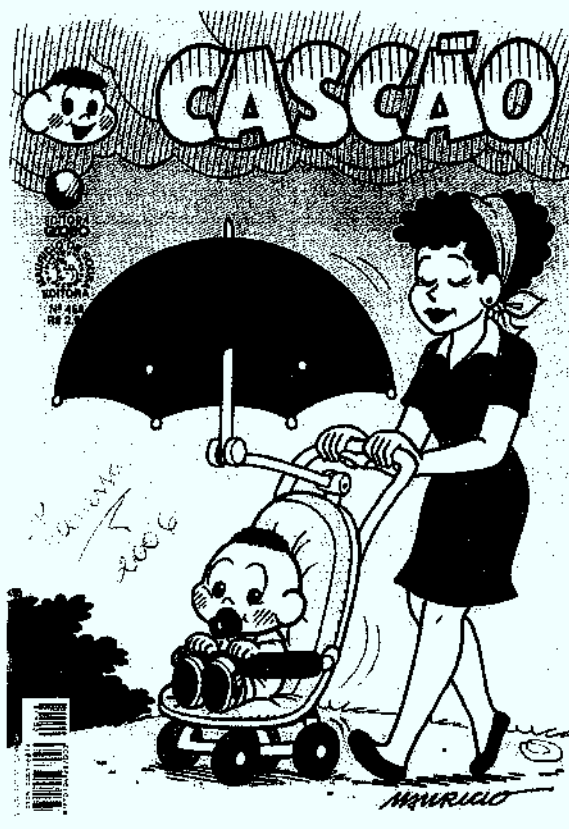
Edição nº 152 - agosto de 2005

Esta revista traz a personagem Dorinha, que vive a história "Dorinha no Parque"



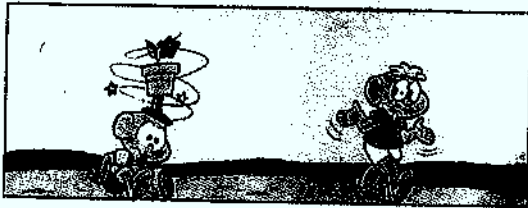
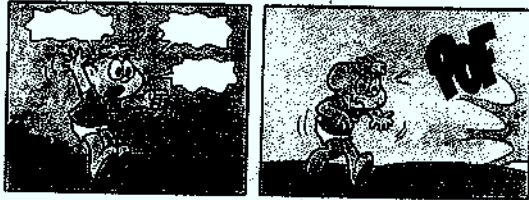
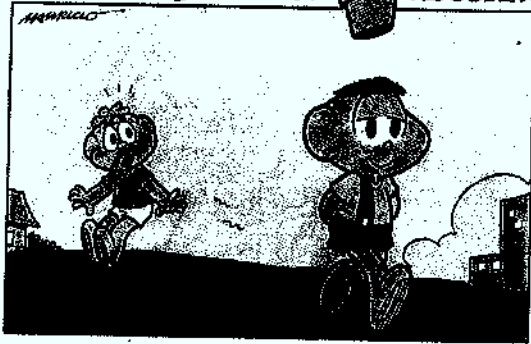
Edição nº458 - março de 2006

Esta edição traz o personagem Luca, que viverá a história "Casção e Luca em Sobre Rodas e Prova D'água"

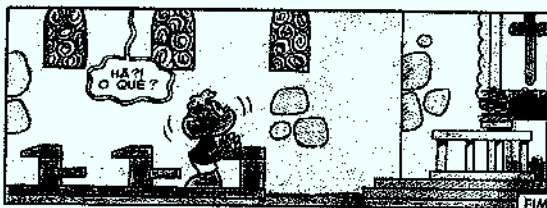
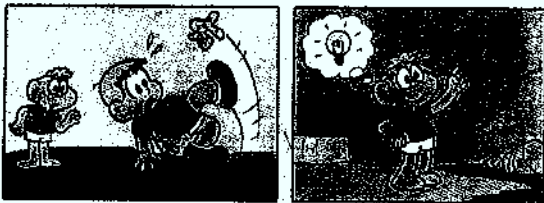


Anexo III

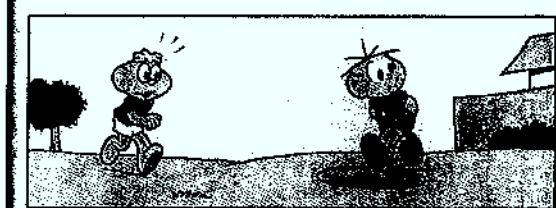
HUMBERTO QUEM PODE AJUDAR?



60



FIM

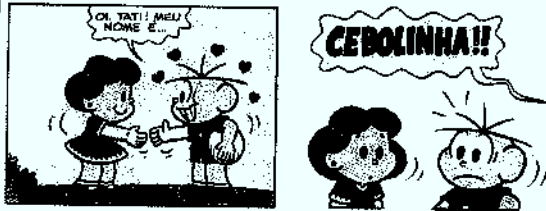


Anexo IV



Anexo V

Cebolinha **O PERFEITO**



53

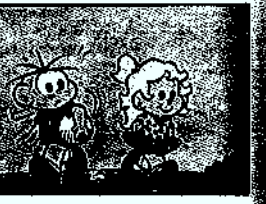


R.A.



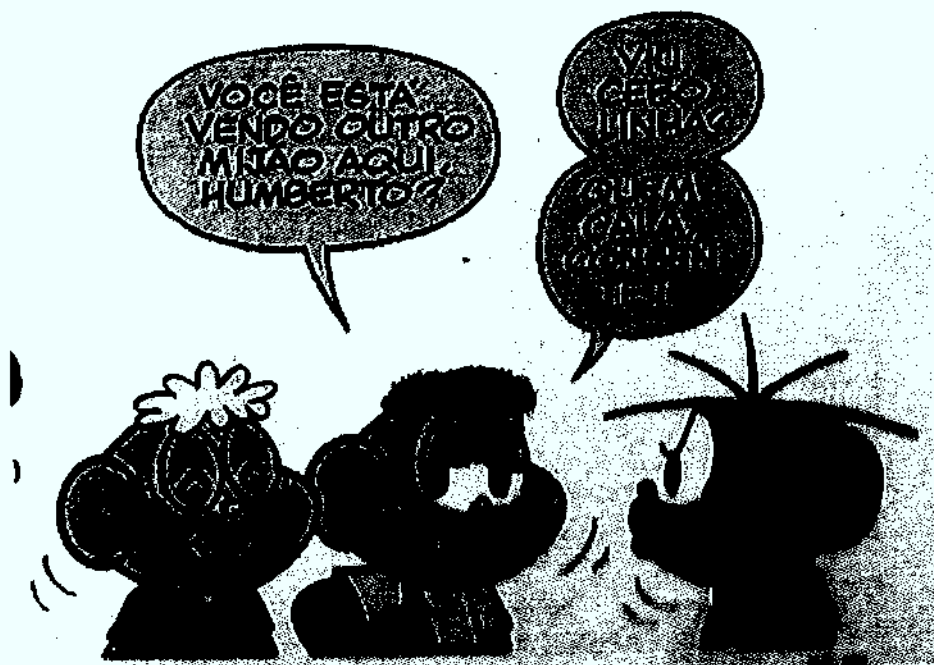
R.A.

Anexo VI continuação da história



Anexo VII

Única cena onde o Cascão interage com Humberto de forma direta.



Exemplo da falta de interação do personagem Humberto.



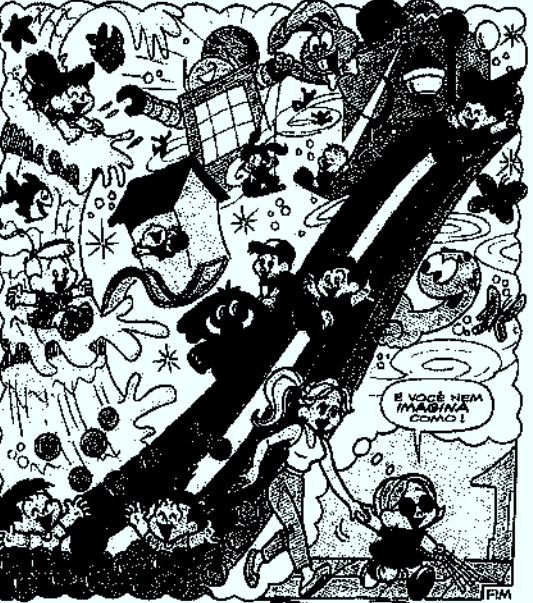
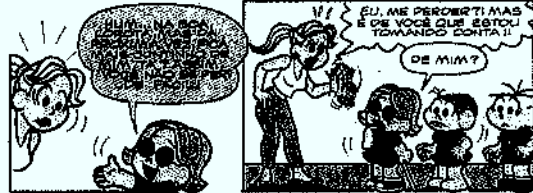
Anexo X continuação da história



Anexo XI continuação da história

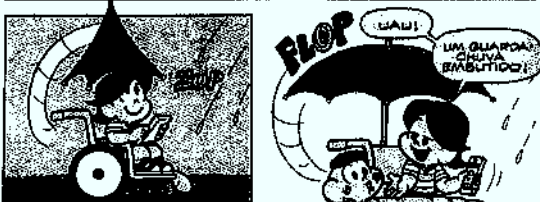
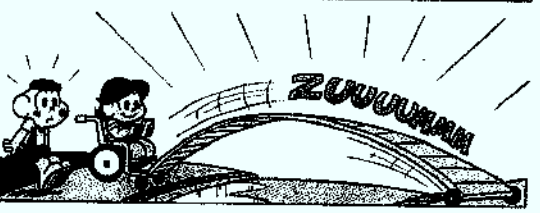
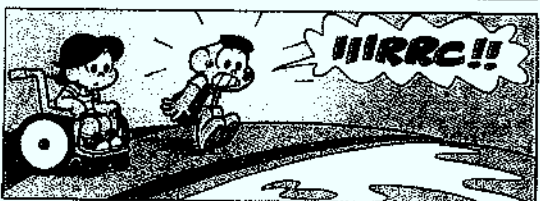
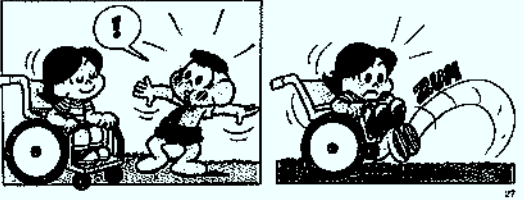
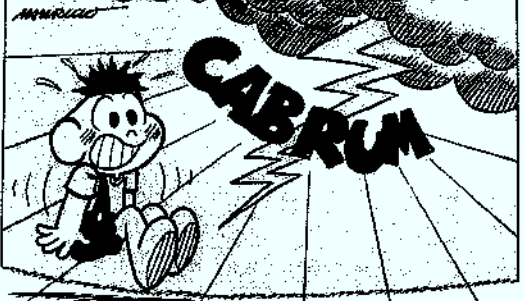


Anexo XII continuação da história



Anexo XIII

Crescido e Luca **SOBRE RODAS e A PROVA D'ÁGUA**



Anexo XIV continuação da história

